

CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA - UniCEUB  
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO – FACE  
CURSO DE PEDAGOGIA – FORMAÇÃO DE PROFESSORES PARA AS SÉRIES  
INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

LUÍZA DE FÁTIMA DOS SANTOS NUCCI

## **MÉTODO DE ALFABETIZAÇÃO NATURAL**

BRASÍLIA  
2007

LUÍZA DE FÁTIMA DOS SANTOS NUCCI

## **MÉTODO DE ALFABETIZAÇÃO NATURAL**

Projeto de monografia apresentado ao curso de Pedagogia da Faculdade de Ciências da Educação – FACE, do Centro Universitário de Brasília – UniCEUB, como parte das exigências para a conclusão do curso.

Orientadora: Professora Doutora Maria Eleusa Montenegro.

Brasília  
2007

Dedico esta monografia aos meus alunos, que a cada dia me encantam e me dão sempre um novo motivo para sorrir.

## **AGRADECIMENTOS**

À minha família por todo incentivo e atenção, aos meus amigos pelo apoio nos momentos difíceis e aos professores por seus ensinamentos.

## RESUMO

O método natural de alfabetização, por se tratar de uma proposta construtivista, que considera a educação e o aprendizado processos formados pelos próprios alunos, poderá vir a auxiliar os profissionais de educação, mostrando outras maneiras de se educar, considerando a personalidade e particularidade de cada educando. Este trabalho teve por objetivo principal conhecer o processo de alfabetização natural com vistas a oferecer subsídios aos professores em sua prática pedagógica. Para o desenvolvimento do tema proposto foi escolhida como metodologia de pesquisa pressupostos da abordagem qualitativa. Para tanto, foram realizadas a observação em turmas de 1º ano e aplicados questionários com três professores alfabetizadores, adeptos do método natural. As categorias escolhidas para este trabalho, referente ao questionário foram: motivo de escolha do método; pontos positivos e preferência por outro método de alfabetização; dificuldades encontradas; formação continuada; preferência por um método de alfabetização; e média de alunos existentes nas turmas. As categorias escolhidas referentes à observação foram: desenvolvimento do Método Natural; diferenciações e vantagens em relação a outros métodos; e dificuldades encontradas durante a aplicação do método; os principais resultados desse trabalho em relação aos professores foram que: o aprendizado é realizado de maneira lúdica, partindo das vivências dos próprios alunos; respeita a individualidade do aluno; existência de atividades diferenciadas que proporcionam o desenvolvimento integral do educando. E os resultados em relação aos alunos foram: a ênfase ao trabalho fonético, utilizam como atividades principais a “preguicinha” e “caçada”; respeitam a estimulação da criança, o trabalho é realizado em grupos; conciliam o trabalho individual e o coletivo e instigam a curiosidade e o interesse. Como considerações finais pode-se perceber que nesse método o aluno explora a palavra como um todo, sem dividi-la em sílabas, o método fonético é bastante utilizado. Esta monografia foi muito relevante para essa pesquisadora por ampliar seus conhecimentos a respeito das facilidades e dificuldades encontradas na aplicação do método natural.

### **Palavras-chave:**

Alfabetização. Método Natural. Alfabetização Natural.

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>07</b>
<b>2. JUSTIFICATIVA.....</b>	<b>08</b>
<b>3. PROBLEMATIZAÇÃO.....</b>	<b>09</b>
<b>4. OBJETIVOS</b>	
4.1 OBJETIVO GERAL.....	09
4.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	09
<b>5. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA</b>	
5.1 HISTÓRICO DA ALFABETIZAÇÃO.....	10
5.2 BASES PSICOPEDAGÓGICAS DA APRENDIZAGEM DA LEITURA E DA ESCRITA .....	11
5.2.1 Nível ou hipótese pré-silábica .....	12
5.2.2 Nível ou hipótese silábica.....	13
5.2.3 Nível ou hipótese silábico-alfabético .....	13
5.2.4 Nível ou hipótese alfabético .....	14
5.3 ESTÁGIOS O DESENVOLVIMENTO.....	14
5.4 PRINCÍPIOS BÁSICOS DA ALFABETIZAÇÃO NATURAL.....	15
5.5 METODOLOGIA DO MÉTODO NATURAL.....	16
5.6 FASES DO PROCESSO.....	17
5.6.1 Pré-leitura.....	17
5.6.2 Leitura real.....	17
5.6.3 Leitura com autonomia.....	18
5.6.4 Leitura da imagem.....	19
<b>6. METODOLOGIA</b>	
6.1 ABORDAGEM METODOLÓGICA.....	20
6.2 INSTRUMENTOS DE PESQUISA.....	20
6.3 CENÁRIO E PARTICIPANTES.....	22
6.4 ESPECIFICAÇÃO DAS FASES DA PESQUISA.....	22
6.5 CATEGORIAS, ORGANIZAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS.....	22
6.5.1 Especificação das categorias escolhidas.....	22

6.5.1.1 Questionário.....	22
6.5.1.2 Observação.....	23
6.5.2 Organização, Análise e discussão dos dados.....	23
6.5.2.1 Questionário.....	23
• Motivo de escolha do método.....	23
• Pontos positivos e preferência por outro método de alfabetização.....	25
• Dificuldades encontradas.....	27
• Formação continuada.....	27
• Média de alunos existentes nas turmas.....	28
6.5.2.2 Observação.....	29
• Desenvolvimento do Método Natural.....	29
• Diferenciações e vantagens em relação a outros métodos.....	29
• Dificuldades encontradas durante a aplicação do método.....	30
<b>7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>31</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>32</b>
<b>APÊNDICES.....</b>	<b>33</b>
APÊNDICE A – Questionário a ser aplicado aos professores .....	34
APÊNDICE B – Roteiro de observação.....	37















## 1 INTRODUÇÃO

A monografia em questão é relacionada aos métodos de alfabetização natural. Atualmente, a leitura tornou-se importantíssima no processo de inserção do indivíduo na sociedade. Através dela, o indivíduo é capaz de se comunicar, registrar mensagens e conhecer um pouco mais sobre a sua história e a história da humanidade. É por meio da alfabetização que o ser humano se apropria de códigos culturais que o inserem na civilização, possibilitando-o compreender os símbolos utilizados na comunicação e acessar conhecimentos contidos em livros, televisão, Internet, jornais, revistas, dentre outros.

Como afirma Rizzo (2002, p. 45), “a alfabetização natural tem como finalidade maior, levar o aluno não somente a ler e escrever palavras, mas, também, orientá-lo num sentido mais amplo, que tenha na construção social e moral do homem sua finalidade maior”.

A autora afirma, ainda, que:

A alfabetização do aluno deverá ser compreendida como um instrumento do qual ele poderá dispor para se adequar ao mundo, da maneira mais favorável e bem sucedida que o auxiliará na defesa de seus direitos, assim como na aceitação de seus limites e responsabilidades. Este tipo de democracia e construção da cidadania exige não apenas informações explicativas aos alunos sobre regras e condutas a serem adotadas como normas de comportamento social, mas o oferecimento de um sistema democrático de vida, dentro de sua sala, que influencie o relacionamento dos alunos entre si, assim como a forma de pensarem e refletirem a respeito de sentimentos de grupo e de solidariedade.

“A alfabetização natural se realiza como um processo de estimulação das competências lingüísticas inatas do indivíduo e o leva a adquirir a leitura e a escrita a partir de sua própria linguagem, potencial e motivações naturais, sem empregar artifícios pedagógicos”, é o que afirma Rizzo (2002, p. 46). Ainda segundo essa autora, “a linguagem deverá surgir como meio de expressão de suas emoções, e é sobre este contexto sociolingüístico que surgem as inúmeras oportunidades de se escrever e de aprender a escrever com o objetivo de registrar fatos e conhecimentos interessantes vividos pelo aluno”.

Diante da importância da alfabetização apresentada pelos autores, tendo em vista o interesse dessa acadêmica em estudar o método de alfabetização natural, este trabalho trata do estudo da importância das vantagens e das dificuldades na aplicação deste método, tendo em vista colaborar com os profissionais da educação.

## 2 JUSTIFICATIVA

Considera-se a presente monografia essencial à formação dessa educadora, visto com a ampliação do conhecimento, houve o desenvolvimento da autonomia, do espírito crítico e investigativo. A mesma, também, auxiliará na obtenção de novas habilidades e conhecimentos que, posteriormente, irão servir de base para o desenvolvimento da prática pedagógica. Além disso, possibilitará a oportunidade de ultrapassar a simplória reprodução do conhecimento, tornando capaz de produzir conhecimento com autonomia e aprimorar sua capacidade de análise crítica.

A alfabetização é a responsável pela obtenção da leitura e da escrita por parte de qualquer indivíduo. Ela poderá auxiliar o indivíduo a conseguir posteriormente um emprego com melhores condições e garantir uma vida estável. Ela torna-se relevante à sociedade, considerando-se o fator da desigualdade social e a realidade da grande procura e concorrência por um emprego de qualidade.

O Método Natural de Alfabetização, especificamente, é um método construtivista que consiste na aplicação de uma série de estímulos, que provocará o aprendizado espontâneo por parte do educando. A leitura é adquirida como fonte de lazer e a escrita é utilizada como meio de expressar seus pensamentos. São fatores favoráveis à permanência e êxito por parte do educando em sua formação educacional.

A presente monografia tem a intenção de aprofundar conhecimentos sobre o Método Natural de Alfabetização e garantir a capacidade de sua aplicação enquanto profissional na área de educação. Pretende também servir como subsídios a outros profissionais da educação.

### **3 PROBLEMATIZAÇÃO**

Considerando o fato de que os tempos modernos têm trazido cada vez mais questionamentos sobre os métodos educacionais, criam-se também várias maneiras de se alfabetizar.

A escolha do Método Natural como pesquisa, ocorreu pelo fato desse método partir de princípios e escolhas naturais de cada aluno, onde a leitura ao mesmo tempo em que é considerada como uma fonte de lazer é também uma importante fonte de informação que é transmitida aos alunos de maneira natural e espontânea.

Por se tratar de um método construtivista um tanto quanto incomum, despertou a curiosidade dessa pesquisadora em relação à aplicação do método e quanto a sua importância. A partir daí, surgiram alguns questionamentos como: De que maneira o método é aplicado em sala de aula? Quais são os recursos empregados durante a sua aplicação? Qual a sua importância?

### **4 OBJETIVOS**

#### **4.1 OBJETIVO GERAL**

Conhecer o processo de alfabetização natural com vistas a oferecer subsídios aos profissionais da educação.

#### **4.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS**

- Analisar de que maneira o método de alfabetização natural é aplicado;
- Analisar quais os materiais necessários à sua aplicação e de que maneira são utilizados;
- Reconhecer a importância da utilização da alfabetização natural no processo de alfabetização.



## 5 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

### 5.1 HISTÓRICO DA ALFABETIZAÇÃO

Pode-se dizer que no início do processo de alfabetização, o conhecimento que se tinha sobre a língua era escasso, pois a linguagem oral imperava e poucas pessoas tinham acesso à linguagem escrita.

Rizzo (2002, p. 21), sobre o processo de alfabetização nessa época, afirma que “os métodos apelavam para os recursos que auxiliassem os alunos a descobrirem e memorizarem a relação letra-som, ignorando, até, a sua não regularidade”.

A partir da criação da lingüística, aceitou-se a língua como sistema abstrato de signos lingüísticos, como afirma Rizzo (2002, p. 23), que “a lingüística é o estudo científico da linguagem humana e baseia-se na observação dos fatos, sem escolha do certo ou errado, ditados por princípios éticos ou morais”. A lingüística também deixou definidos os significados de sinal e símbolo e criou o conceito de signo lingüístico. A autora afirma ainda:

A língua é um sistema dinâmico de comunicação de idéias entre interlocutores, um emissor e um receptor. O signo lingüístico não pode ser rompido. Significado e significante, que são seus dois componentes indissolúveis, não podem ser separados, senão se tornam outros objetos diferentes. ( RIZZO, 2002, p. 23)

Sendo assim, os métodos sintéticos foram condenados pela lingüística, pois seus processos incidem na composição de palavras pela justaposição de pedaços isolados e sem significados. No final do século XIX, muitas discussões foram travadas sobre o que seria a unidade básica do pensamento, pois esta deveria ser tomada em consideração no ensino da leitura como ponto de partida. Rizzo (2002, p. 24), sobre este assunto, afirma:

Os primeiros ensaios de lingüística nesse sentido apontavam a palavra como sendo a unidade básica do pensamento, que representaria uma idéia. Isto facilmente levou os pedagogos da época a adotarem a palavra como unidade lingüística tomada como ponto de partida para o ensino da leitura e da escrita.

Sobre este aspecto, a autora afirma ainda que, “após esse processo surgem os métodos de palavração. Foi a partir dessas idéias que os estudiosos puderam conhecer como funciona a linguagem como meio de comunicação, forçando, assim, uma mudança das metodologias de

alfabetização que, nessa época, voltavam-se para a criação, aplicação e defesa dos métodos de sentencição.” (RIZZO, 2002, p. 204).

Mas as idéias sobre pensamento, linguagem e comunicação não pararam por aí. Como afirma Rizzo (2002, p. 24), “os lingüistas começaram a sentir que a linguagem era um processo mais complexo e que, na verdade, somente um texto inteiro encerrava a idéia completa do autor”. Foi aí que surgiram os métodos de contos ou historietas que estimulavam desde o início o hábito de leitura.

A autora ainda afirma, nesse sentido, que durante a aplicação desse método, as crianças:

Aprendiam a reconhecer essas sentenças em situações diversas e depois a reconhecer as palavras isoladamente, formando novas frases diferentes das originais e, por último, por um processo de análise comparativa, descobriam semelhanças entre essas palavras e as identificavam como pedaços conhecidos e com estes formavam novas palavras.

## 5.2 BASES PSICOPEDAGÓGICAS DA APRENDIZAGEM DA LEITURA E DA ESCRITA

Em relação ao processo de aprendizagem da leitura e da escrita, Salviano (2004, p. 167) afirma que, de acordo com o desenvolvimento da criança em sala de aula, as práticas tradicionais foram aos poucos sendo questionadas:

Na década de 80, tanto na América Latina como no Brasil intensificaram-se os estudos sobre a alfabetização, havendo transformações na base conceitual desse processo. Tais modificações foram consideradas revolucionárias, traduzindo a inserção de um novo paradigma para a interpretação da forma pela qual o aluno aprende a ler e a escrever.

A autora ainda afirma que “as práticas tradicionais foram sendo questionadas pelas investigações psicológicas e psicolingüísticas da criança, de acordo com seu desenvolvimento na alfabetização”. “As reflexões de Emília Ferreiro, Ana Teberosky e seus colaboradores representam uma das mais valiosas e recentes contribuições, na perspectiva da abordagem construtivista-interacionista da aprendizagem, no processo de alfabetização”, é o que afirma Salviano (2004, p. 167).

Entretanto, Teberosky (1993, p. 31) declara que “em muitas oportunidades, fomos convidadas para expor essa experiência e que sempre encontramos dificuldades”, tais como:

- Se nossa audiência era com professores iniciantes na profissão, a dificuldade estava em evitar dar “receitas”, evitar dar uma série de instruções mais ou menos prescritivas;

- Se tratávamos com professores de outra linha pedagógica, então o confronto de paradigmas diferentes era difícil; na maioria das vezes, apenas chegávamos a comparar os resultados obtidos pelas crianças.

E explica ainda que “as dificuldades para a difusão de uma experiência pedagógica poderiam ser explicadas pela complexidade dos processos envolvidos: processos de aprendizagem por parte dos alunos, situações de ensino-aprendizagem e reflexão por parte dos professores”. (TEBEROSKY, 1993, p. 31)

Salviano (2004, p. 168) acrescenta a seguinte afirmação, referindo-se a Ferreiro:

Considerando as condições culturais e econômicas das crianças, Ferreiro destaca que as dificuldades encontradas no aprender a linguagem estão mais relacionadas à oportunidade de acesso à linguagem do que à capacidade individual de cada criança. O caráter de suas investigações pode ajudar-nos a melhor compreender os níveis do conhecimento da escrita e da leitura do sujeito não-escolarizado ou não-alfabetizado. Também ampliam os recursos metodológicos que nos ajudem a avançar no processo de construção do sistema escrito, superando os conflitos cognitivos próprios das hipóteses criadas em cada um desses níveis.

De acordo com os pressupostos construtivistas, o processo evolutivo de aprender a ler e escrever passa por níveis de conceitualização que revelam as hipóteses a que chegou a criança, de forma que ela busca a aprendizagem à medida que constrói seu raciocínio lógico. (SALVIANO, 2004, p. 171).

Confirmando esta hipótese, Ferreiro (1989, p. 4) afirma:

No decorrer dos séculos a escola (como instituição) operou uma transmutação da escrita. De objeto social transformou-se em objeto exclusivamente escolar, ocultando ao mesmo tempo suas funções extra-escolares, precisamente aquelas que deram historicamente origem à criação das representações escritas da linguagem. É imperioso (mas nada fácil de conseguir) estabelecer ao nível das práticas escolares uma verdade elementar: a escrita é importante na escola porque é importante fora da escola e não o contrário. (Ferreiro, 1989, p.4)

Buscando um melhor entendimento desse novo processo de alfabetização, Teberosky (1993, p. 171) determina quatro níveis de desenvolvimento:

### 5.2.1 Nível ou hipótese pré-silábica

No nível ou hipótese pré-silábica, a criança apresenta pouca diferenciação entre a grafia de uma palavra e de outra, dependendo do tipo de escrita com que a criança teve maior contato. (SALVIANO, 2004, p. 171). Esta autora ainda afirma “haver outra fase evolutiva nesse

processo construtivo e revela que nela, “a criança não demonstra preocupação com a relação fonema/grafema, preocupando-se apenas em diferenciar sua escrita. Nesse nível, ela começa a variar quantidade de letras e seu repertório”.

Teberosky (1993, p. 33) caracteriza o referente nível como “escritas indiferenciadas: série igual de grafias, independente do tipo de estímulo”.

Confirmando a existência dessa outra fase evolutiva, Teberosky (1993, p. 33) a caracteriza como:

Escritas diferenciadas: a escrita apresenta uma série diferenciada de grafias, respondendo à diferença de estímulos. A diferenciação é realizada através da variação do repertório, da quantidade ou da posição das grafias. Essa variação pode ser influenciada pela lembrança de algum modelo de escrita (nome próprio, algumas palavras aprendidas).

### 5.2.2 Nível ou hipótese silábica

Segundo Salviano (2004, p. 172) a criança no nível ou hipótese silábica:

Tenta várias abordagens globais numa busca consistente da lógica do sistema da escrita. Ela descobre que pode haver relação entre a representação das palavras e suas propriedades sonoras. Podemos dizer que ela conta os “pedaços sonoros” (sílabas) e coloca um símbolo (letra) para cada “pedaço”.

Confirmando a teoria de Salviano, Teberosky (1993, p. 33) afirma que “nessa fase a criança faz uma correspondência quantitativa, segundo uma análise sonora da linguagem que leva a criança a descobrir a sílaba: a cada sílaba corresponde uma grafia”.

Teberosky (1993, p. 33) afirma, ainda que, a correspondência qualitativa somente é adquirida a partir da aprendizagem dos valores sonoros convencionais.

### 5.2.3 Nível ou hipótese silábico-alfabético

Sobre o nível ou hipótese silábico-alfabético, Salviano (1993, p. 172) afirma que “quando a criança chega neste nível está a um passo da escrita alfabética. Isto significa que ela escreve parte da palavra aplicando hipótese silábica e outra parte analisando os fonemas que compõe a fala”.

Este autor também ressalta a importância do professor estar sempre refletindo com a criança sobre o sistema lingüístico a partir da observação da escrita alfabética e da reconstrução do código. (SALVIANO, p. 172)

#### 5.2.4 Nível ou hipótese alfabética

Teberosky (1993, p. 33), sobre o nível ou hipótese alfabética, descreve que “possui correspondência sonora do tipo fonético e com valor sonoro convencional”.

Em contraposição, Salviano (2004, p. 173) explica e detalha um pouco mais:

Nesta fase, a criança estabelece a correspondência entre fonema e grafema, compreendendo que a sílaba pode ser formada por uma, duas ou três letras. Sua produção começa a ficar legível. Quando a criança reconstrói o sistema lingüístico e entende a sua organização, ela cresce e avança na produção escrita, aprende a ler e expressar graficamente o que pensa e fala, distinguindo letra, sílaba, palavra e frase. No entanto, falta-lhe o domínio das regras de ortografia.

### 5.3 ESTÁGIOS DO DESENVOLVIMENTO

Flávia e Lima (1986, p. 63), analisando sobre o prisma do processo de desenvolvimento da criança, segundo as teorias de Jean Piaget, afirma que “toda criança possui um esquema de assimilação que evolui de acordo com a etapa de desenvolvimento que atravessa”.

Os autores ainda justificam sua afirmação quando relatam que “todas as atividades da criança são leituras da experiência, ou seja, quando ela leva um objeto à boca, quando agarra, puxa e encaixa objetos, quando ouve e imita sons etc., ela está lendo o mundo que a cerca”. (FLÁVIA e LIMA, 1986, p. 63).

Seber (1997, p. 5) também apóia essa idéia quando afirma que “a criança passa de um nível de organização conceitual para outro à medida que seus conhecimentos sobre a escrita e a leitura progridem”:

A contribuição da teoria de Piaget para o entendimento do papel da criança na construção do seu conhecimento é inegável. Para conhecer os objetos que a cercam, a criança deve agir sobre eles, transformando-os até chegar a compreendê-los. Essa apropriação das coisas do mundo resulta, portanto, da própria atividade da criança. Ela se apossa do que abstrai das suas experiências e aumenta o seu conhecimento. Acontece que os objetos também influenciam as ações da criança, modificando-as em virtude de características próprias. Na sua origem, portanto, o conhecimento não está no meio circundante e nem nasce pronto com a criança; ao contrário, ele é construído, e tal

construção decorre das interações entre a criança, de um lado, e os objetos do seu mundo, do outro. (SEBER, 1997, p. 5)

Segundo Flávia e Lima (1986, p. 67), para alfabetizar, portanto, “é preciso acompanhar, passo a passo, o desenvolvimento das crianças como uma totalidade, propiciando-lhes experiências cada vez mais ricas correspondentes aos estágios em que se encontram, tendo sempre em vista o estágio seguinte”.

Quando em sua marcha evolutiva, os vários esquemas de ação se organizam ou se coordenam entre si, formam-se as “estruturas” ou totalidades organizadas. Piaget situou em quatro estágios os períodos que marcam o aparecimento dessas estruturas. Cada estágio é caracterizado pela aparição de estruturas originais, cuja construção o distingue das anteriores. (OLIVEIRA, 2003, p. 128)

#### 5.4 PRINCÍPIOS BÁSICOS DA ALFABETIZAÇÃO NATURAL

Sobre a alfabetização natural, Rizzo (2002, p. 45) afirma que “se realiza como um processo de estimulação das competências lingüísticas inatas do indivíduo e o leva a adquirir a leitura e a escrita a partir de sua própria linguagem, potencial e motivações naturais, sem empregar artificialismos pedagógicos”.

A autora afirma ainda que a linguagem escrita surgirá de reflexos de experiências vivenciadas pelos alunos e que “é sobre o contexto sociolingüístico que surgem as inúmeras oportunidades de se aprender a escrever, com o objetivo de registrar fatos e conhecimentos interessantes, vivenciados pelos alunos” (RIZZO, 2002, p. 46).

Apoiando a idéia de Rizzo, Rogers conclui que “a aprendizagem auto-iniciada envolve toda a pessoa do aprendiz, seus sentimentos tanto quanto sua inteligência e é mais durável e impregnante”.

Complementando a idéia dessa autora, Silva (1997, p. 2) ainda afirma que:

O Método Natural propicia também a integração da leitura e da escrita com as atividades de livre expressão plástica, o que permite melhor expressão de idéias e sentimentos. A aprendizagem torna-se mais eficiente quando realizada em um clima lúdico de exploração, manipulação e auto-expressão. A atividade livre criadora é a principal fonte de aprendizagem.

Referindo-se ao trabalho artístico, Rizzo (2002, p. 47) posiciona-se a favor dizendo que “uma alfabetização natural completa, não pode se restringir à leitura da palavra escrita e

ignorar a leitura da imagem, que deve estar inserida, através da arte, na alfabetização natural do aluno”.

Quanto ao papel do educador, o mesmo deve assumir um papel de mediador da aprendizagem, quando afirma que “deverão ser da escolha do aluno as atividades pedagógicas a serem realizadas”. Ao professor cabe o papel de “coordenar as mini-assembléias, que passarão a gerar e organizar todas as atividades da classe”. (RIZZO, 2002, p. 47)

“A educação que partilha materiais, também partilha regras e uso, propiciando assim a necessária formação moral-social e a noção de bem comum, indispensáveis a uma sociedade que se deseja democrática”, é o que afirma Rizzo, (2002, p. 48). O material deverá ser de uso coletivo, pois de acordo com o Método Natural, “a construção moral do cidadão será decorrente de um sistema de educação democrática, onde a alfabetização será parte integrante do processo e não um fim em si mesma”.

## 5.5 METODOLOGIA DO MÉTODO NATURAL

Rizzo (2002, p. 48) define a alfabetização natural como:

Uma metodologia de estimulação que leva ao domínio da leitura e da escrita a partir das e sobre as motivações naturais, potencial e linguagem do aluno, sem empregar qualquer artificialismo pedagógico. Consiste na aplicação de uma série de estímulos, que visam à reprodução da seqüência natural, espontânea, da construção dos esquemas de leitura de qualquer ser humano e que o levem a adquirir a leitura como fonte de lazer e de informação e a dominar a escrita como meio de expressar o seu pensamento.

Referente aos objetivos do método, Rizzo (2002, p. 49) afirma que deve “consistir na aplicação de uma série de estímulos, que visem à reprodução da seqüência natural, espontânea, da construção dos esquemas de leitura de qualquer ser humano”.

Entretanto, Silva (1997, p. 3) especifica um pouco mais listando como objetivos do Método Natural:

- Atender às diferenças individuais, permitindo à criança organizar sua própria atividade dentro do seu nível de desenvolvimento;
- Favorecer a auto-direção, a iniciativa e a autonomia;
- Levar a criança ao desenvolvimento da linguagem oral em situações naturais de vida;
- Obter disciplina natural decorrente da ocupação interessada;
- Criar condições favoráveis à socialização e propiciar à professora meia pra trabalhar com pequenos grupos, em atendimento individual, enquanto os demais progridem nas atividades de livre expressão;

- Ocupar 100% do tempo da criança, levando-a a progredir, participando na orientação do seu próprio trabalho;
- Dar à criança condições e oportunidades de enriquecer sua base de experiências, levando-a a expressar livremente seu pensamento;
- Levar a criança a sentir a função da leitura e da escrita como meio de auto-expressão e comunicação, oportunizando o seu exercício nos aspectos cognitivo e expressivo;
- Propiciar ao educando meios que o levem a liberar e a aproveitar suas potencialidades, promovendo o seu desenvolvimento integral.

## 5.6 FASES DO PROCESSO

Segundo Rizzo (2002, p. 49) o Método Natural apóia-se em quatro fases ou etapas de desenvolvimento:

### 5.6.1 Pré-leitura

De acordo com Rizzo (2002, p. 49), na fase da pré-leitura:

As palavras são escolhidas por votação, quando a alfabetização é feita em grupo: substantivos concretos e ações no tempo presente do indicativo, sempre inteiramente ligados à vivência da turma. Com esse vocabulário que cresce a cada dia, formam-se frases e pequenos textos, que o aluno lê ou compõe, incorporando, paralelamente, os valores das regras gramaticais básicas, como a letra maiúscula e o ponto final.

A autora ainda afirma que “o ensino da escrita pode ser ou não concomitante, dependendo da idade dos alunos envolvidos, e é centrado, exclusivamente, no ensino dos movimentos da escrita”. (RIZZO, 2002, p. 50)

Silva (1997, p. 3), afirma que “essa fase de aprendizagem deve ocorrer entre o maternal e o jardim de infância”.

### 5.6.2 Leitura real

Na fase da leitura real, segundo Rizzo (2002, p. 50), “introduzem-se estímulos à análise fonética estrutural (sem romper o todo auditivo e visual da palavra)”.

Justificando esse fato, Silva (1997, p. 2), afirma que “quando desligamos letras e sílabas das palavras, anulamos o conjunto dinâmico e significativo para a criança. É a dinâmica



do todo que determina os componentes básicos e funcionantes da leitura total. A parte só tem função no todo”.

Rizzo (2002, p. 50) ainda complementa afirmando que nessa fase “constroem-se no aluno os esquemas intelectivos que o permitem ler e escrever. A descoberta da leitura, portanto, acontece de uma forma natural, significativa e envolvente”.

Sobre o mesmo assunto, Silva (1997, p. 3) considera que a idade mínima para esse processo seja de cinco a seis anos, quando a criança encontra-se no jardim II. “Nesta fase, ela deve desenvolver principalmente a fixação do vocabulário visual básico e o início da aprendizagem da escrita”.

### 5.6.3 Leitura com autonomia

Esta se constitui a fase final, portanto, segundo Rizzo (2002, p. 50):

A dinâmica do trabalho deve propiciar o desenvolvimento rápido integrado à autonomia, tanto na leitura como na escrita. Esse processo ocorre através da redescoberta das regras gramaticais básicas da nossa língua, baseando-se na leitura e na análise de textos produzidos pelo próprio aluno com base na literatura infantil.

É nesta etapa em que a preocupação com a escrita começa a surgir e Rizzo (2002, p. 50) apóia que “ela deve surgir da necessidade de o aluno aperfeiçoar sua comunicação com parentes e amigos e nas suas formas de registro para uso pessoal, como pequenos relatórios de experiências, receitas etc.”.

Silva (1997, p. 3) afirma que “nessa etapa, a utilização de multimeios torna-se fundamental para a dinamização do processo de descoberta da leitura”.

De acordo com sua afirmação, Rizzo (2002, p. 51) cita que:

Jogos e materiais específicos que propiciem o estudo independente, com a finalidade de auto-aperfeiçoamento, são fundamentais no processo de alfabetização natural. Ao final do processo, o aluno deverá ser capaz de ler como fonte de lazer; apreciar histórias e reconhecer alguns autores da literatura infantil. Deverá conseguir obter informações pela leitura de instruções escritas para jogos infantis, por exemplo, e ser capaz de seguir as regras lidas.

A autora prossegue afirmando que “em relação à escrita, o aluno deverá chegar ao final, com capacidades para redigir pequenos textos criativos de prosa e historietas dialogadas de, pelo menos três quadros e, ainda, produzir pequenas histórias rimadas de poucas linhas”.

### 5.6.3 Leitura da imagem

O Método Natural propicia também a integração da leitura e da escrita com as atividades de livre expressão plástica. Silva (1997, p. 2) acredita que “ela permite uma melhor expressão de idéias e sentimentos. A aprendizagem torna-se mais eficiente quando realizada em um clima lúdico de exploração, manipulação e auto-expressão”.

Rizzo (2002, p. 51), ainda afirma que:

Um alfabetizador sério deve, pelo menos, começar a sensibilizar o aluno para a percepção da existência desse mundo da imagem e ajudá-lo a introduzir-se na interpretação dessa linguagem que inclui cor, som, forma e movimento e, talvez, de forma criativa, iniciar-se no domínio de algumas pequeninas habilidades desta nova escrita.

“O alfabetizador deve considerar a leitura da imagem, ilustração e diagramação, como parte integrante de uma verdadeira e completa alfabetização e reconhecer que seu aluno já está submetido a esse mundo por meio da mídia”. (RIZZO, 2002, p. 51)

Silva (1997, p. 2), garante que “a atividade criadora é a principal fonte de aprendizagem”.

## 6 METODOLOGIA

### 6.1 ABORDAGEM METODOLÓGICA

Para o desenvolvimento do tema proposto foi escolhida como metodologia de pesquisa pressupostos da abordagem qualitativa, pois a partir da mesma pode-se avaliar os valores, as crenças, as opiniões e atitudes de professores e alunos adeptos do Método Natural de Alfabetização e interpretar sua realidade, pois, como afirma Bradley (1993), “na pesquisa qualitativa, o pesquisador é um interpretador da realidade”.

Sobre a pesquisa qualitativa, Godoy (1995, p. 62) enumera um conjunto de características essenciais capazes de identificar uma pesquisa qualitativa:

- O ambiente natural como fonte direta de dados e o pesquisador como instrumento fundamental;
- O caráter descritivo;
- O significado que as pessoas dão às coisas e à sua vida como preocupação do investigador;
- Enfoque indutivo.

Reforçando essa teoria, Maanen (1979, p. 520) afirma:

A expressão “pesquisa qualitativa” assume diferentes significados no campo das ciências sociais. Compreende um conjunto de diferentes técnicas interpretativas que visam a descrever e a decodificar os componentes de um sistema complexo de significados. Tem por objetivo traduzir e expressar os sentidos dos fenômenos do mundo social; trata-se de reduzir a distância entre indicador e indicado, entre teoria e dados, entre contexto e ação.

### 6.2 INSTRUMENTOS DE PESQUISA

Para a realização dessa pesquisa foi necessária a utilização de questionários com perguntas semi-estruturadas aplicados a professores (Vide apêndice A), e o roteiro de observação participante durante uma semana do cotidiano escolar em uma classe que utilize o Método de Alfabetização Natural (Apêndice B).

Segundo Mazzotti e Gewandsznajder (p. 164), no que se refere à observação, afirma:

A interferência do observador fica minimizada pela permanência prolongada do pesquisador no campo, pois os sujeitos, com o tempo, se acostumam com a sua

presença. Ou, pode-se considerar, ainda, como preferem os teórico-críticos, que as relações sociais que se estabelecem entre pesquisador e pesquisados não são diferentes daquelas que existem na sociedade, e como tal devem ser encaradas e discutidas.

Por outro lado, consideram que as seguintes vantagens costumam ser atribuídas à observação:

a) Independe do nível de conhecimento ou da capacidade verbal dos sujeitos; b) Permite “checar”, na prática, a sinceridade de certas respostas que às vezes, são dadas só para “causar boa impressão”; c) Permite identificar comportamentos não-intencionais ou inconscientes e explorar tópicos que os informantes não se sentem à vontade para discutir; d) Permite o registro do comportamento em seu contexto temporal-espacial. (MAZZOTTI e GEWANDSZNAJER, p. 164).

Mazzoti e Gewandsznajer (p. 164) também afirmam que “a observação pode ser estruturada, quando os comportamentos a serem observados forem preestabelecidos, ou não-estruturados, na qual os comportamentos a serem observados não são predeterminados, visando descrever e compreender o que está ocorrendo numa dada situação”.

Os autores afirmam ainda que esta é a forma, por excelência, da observação participante, onde “o pesquisador se torna parte da situação observada, interagindo por longos períodos com os sujeitos, buscando partilhar o seu cotidiano”. As habilidades exigidas do observador participante são muitas, entre elas os autores destacam:

a) ser capaz de estabelecer uma relação de confiança com os sujeitos; b) ter sensibilidade para pessoas; c) ser bom ouvinte; d) formular boas perguntas; e) ter familiaridade com as questões investigadas; f) ter flexibilidade para se adaptar a situações inesperadas; g) não ter pressa de identificar padrões ou atribuir significados aos fenômenos observados. (MAZZOTTI e GEWANDSZNAJER, p. 165).

No que se refere ao questionário, Barros e Lehfeld (1988, p.73) afirmam que “o pesquisador ao elaborar seus questionários deve ter a preocupação de determinar o tamanho, o conteúdo, a fim de estimular o informante a responder”.

Os autores ainda afirmam que “o questionário não deve exigir muito mais de quinze a vinte minutos para ser respondido. Caso contrário, ele se tornaria desmotivador, o que condicionaria respostas rápidas e superficiais do informante”. (BARROS; LEHFELD, 1988). Salientam que:

O pesquisador deve ter a preocupação constante quanto à maneira pela qual as questões do questionário serão respondidas. Da redação e da formatação das perguntas depende em grande parte o sucesso da pesquisa. Uma redação descuidada pode conduzir a sentidos ambíguos e dificuldades de compreensão do que se pretende mesmo saber. É

fundamental estar familiarizado com o tipo e nível de linguagem dos sujeitos a serem pesquisados. (BARROS e LEHFELD, 1988, p. 74).

### 6.3 CENÁRIO E PARTICIPANTES DA PESQUISA

Os questionários foram aplicados a um total de três professores, do primeiro ano do Ensino Fundamental e a observação, foi realizada com a duração de uma semana, em uma escola particular, localizada na região administrativa do Plano Piloto – Brasília – DF.

### 6.4 ESPECIFICAÇÃO DAS FASES DA PESQUISA

As atividades desta pesquisa foram realizadas entre os meses de agosto de 2006 a junho de 2007. A pesquisa foi desenvolvida seguindo as seguintes etapas: no mês de agosto foi definido o tema, A elaboração do projeto foi realizada em setembro, a construção dos instrumentos de pesquisa, em setembro e outubro; a revisão bibliográfica de setembro de 2006 a maio de 2007; a aplicação dos instrumentos em março e abril do corrente ano; a organização, análise e discussão dos dados em abril; e a elaboração do relatório final e a apresentação oral em junho.

### 6.5 CATEGORIAS, ORGANIZAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

#### 6.5.1 Especificação das Categorias Escolhidas

Visando um maior esclarecimento e compreensão dos dados coletados, foram selecionadas as seguintes categorias:

##### 6.5.1.1 Questionário

- Motivo de escolha do método;
- Pontos positivos e preferência por outro método de alfabetização;
- Dificuldades encontradas;
- Formação continuada;

- Preferência por um método de alfabetização;
- Média de alunos existentes nas turmas

#### 6.5.1.2 Observação

- Desenvolvimento do Método Natural;
- Diferenciações e vantagens em relação a outros métodos;
- Dificuldades encontradas durante a aplicação do método.

### 6.5.2 Organização, Análise e Discussão dos Dados

#### 6.5.2.1 Questionário

Os instrumentos foram aplicados a três professores experientes ao Método Natural de Alfabetização, onde partindo de uma abordagem qualitativa dos dados, visou esclarecimentos quanto aos benefícios e desafios encontrados na prática docente, referente ao Método Natural de Alfabetização.

Partindo-se de princípios éticos, que devem envolver uma atitude investigativa, os resultados da pesquisa em questão serão apresentados utilizando-se de nomes fictícios para representar os sujeitos nela envolvidos.

A organização, análise e discussão dos dados, a seguir, consideraram os questionários aplicados aos professores nas categorias selecionadas.

- Motivo de escolha do método

Professora 1: “Por imposição da escola. Pois há trinta anos o INDI segue o Método Natural de desenvolvimento da leitura e da escrita (alfabetização) criado pela D. Maria de Lourdes Pereira da Silva. Sendo assim, os profissionais seguem uma linha de trabalho com esta proposta”; “Sim. Com o método fonético, vivências e experiências científicas, a criança de forma lúdica vai adquirindo o conhecimento naturalmente”.

Professora 2: “Eu escolhi esse método por vontade própria!”; “Sim. Porque todas elas vão ao encontro com o que já estudei, pesquisei e investiguei. Adoro esse método pelo prazer que ele proporciona às crianças no ato de aprender”.

Professora 3: “Desde a faculdade ouvia muito sobre esse método, comecei a me interessar e hoje em dia trabalho há quatro anos”; “Sim, porque a criança aprende naturalmente, com suas próprias vivências”.

Das três participantes analisadas, duas relataram que a escolha pela utilização do Método Natural de Alfabetização resultou de interesses e opções próprias, como consequência de estudos e de satisfações quanto à proposta apresentada. Apenas uma das professoras revelou o fato de ter escolhido, inicialmente, o método por imposição da escola, que há trinta anos o utiliza.

Segundo Rizzo, (2002, p. 11), quanto à motivação pela escolha do método:

renunciar a uma cartilha pronta ainda exige do educador despir-se de sua vaidade e sapiência para resistir aos apelos ou à tentação de construir um vocabulário de sua criação, baseado em critérios lógicos, políticos, ideológicos, estatísticos ou o que quer que seja, que lhe prometeriam uma aparente capa de proteção, embora da mesma forma, que torná-lo imposto ao aluno.

Em contrapartida, em Rizzo (2002, p. 11) poder-se-á encontrar elementos que vão ao encontro do que menciona a terceira professora, justificando que:

essa mudança pode representar para o professor uma significativa dificuldade em realizar a substituição de um método cujo o conhecimento já possa estar arraigado entre suas convicções pessoais, exigindo-lhe um conhecimento específico maior e uma grande dose de esforço pessoal.

A autora ainda alerta que o professor que anseia a posição de um educador seguro e competente, necessita de um estudo aprofundado referente ao método que lhe proporcione segurança em seu desempenho. (RIZZO, 2002, p. 11).

Referente às afinidades estabelecidas com o método, a professora número 1 posiciona-se favorável à utilização do método fonético e ao fato de considerar-se as vivências e experiências lúdicas vividas pelos alunos, afirmando que “a criança de forma lúdica vai adquirindo o conhecimento naturalmente”.

As professoras, de números 2 e 3, também citaram as considerações das vivências dos alunos e a importância de tal aproveitamento, destacando o prazer proporcionado aos educandos.

As idéias defendidas pelas três professoras são compatíveis a Silva (1997), que afirma que “a criança necessita de condições e oportunidades de enriquecer sua base de experiências, levando-a a expressar livremente seu pensamento”.

Em Rizzo (2002, p. 77) também se pode encontrar elementos favoráveis às idéias apresentadas acima, quando ela cita que “embora possam parecer ao leigo algo distante do currículo de alfabetização, os jogos são poderosos recursos de estimulação e organização do pensamento e da linguagem”.

- Pontos positivos e preferência por outro método de alfabetização

Professora 1: “A vantagem é que as crianças aprendem brincando, de forma lúdica, por meio de jogos diversificados. Propiciando um desenvolvimento do indivíduo através de uma ação que o integre em uma dimensão social e individual. A escola vê o aluno como pessoa inteira e única, e busca atendê-lo na conquista de sua auto-percepção e autonomia, estimulando, também através da prática didática, as expressões e a capacidade de investigação, apostando sempre na cultura do sucesso e não no fracasso. Neste sentido, a emoção, a auto-expressão e o movimento são fatores fundamentais na construção do conhecimento. Assim, a pedagogia da interação expressiva procura observar as fases de evolução e o pensamento lógico, estimular a inteligência e de socialização”; “Não, eu gosto de tudo. Não. Identifico-me bastante com a proposta do Método Natural”.

Professora 2: “O próprio nome já diz “natural”: respeita a individualidade, respeita o ritmo, é prazeroso, pois parte das vivências de cada criança! É vivo e inovador. Eu gosto mesmo de tudo. Mas o que mais admiro são os jogos criativos e os ‘cantinhos’ estabelecidos pela sala. Eu gosto de tudo”; “Não, eu gosto muito do Método Natural”.

Professora 3: “O lúdico. Pois a criança aprende brincando. A valorização do aluno, onde se respeita seu desenvolvimento. A criança não é forçada e sim estimulada a aprender”; “Não, eu me identifico bastante com o Método Natural”.

Destacando as vantagens existentes na aplicação do método, as professoras de números 1 e 2 citaram novamente o lúdico e sua importância no processo de ensino-aprendizagem. Já a professora de número três, destacou o respeito à individualidade e ritmo de



aprendizagem do aluno e novamente o prazer proporcionado pela consideração de suas vivências, ou seja, de que “o método é vivo e inovador”.

Silva (1997) também ressalta este aspecto quando defende que “o educador deve atender às diferenças individuais, permitindo à criança a organização de sua própria atividade dentro do seu nível de desenvolvimento”. A autora ainda cita Carl Rogers, quanto a este aspecto, afirmando que “a aprendizagem auto-iniciada envolve toda a pessoa do aprendiz, seus sentimentos tanto quanto sua inteligência[...]”.

A professora de número 1 destacou como pontos positivos à aplicação, o fato de o método considerar o aluno como uma pessoa inteira e única, buscando entendê-lo na conquista da auto-percepção e autonomia do aluno, estimulando, através da prática didática, as expressões e a capacidade de investigação, “apostando sempre na cultura do sucesso e não no fracasso”.

A professora de número 2 ressaltou a valorização do aluno, o respeito ao seu ritmo de aprendizagem e a sua estimulação no processo de desenvolvimento.

Já a professora de número 3 citou os jogos utilizados de maneira criativa e dinâmica e a determinação de “cantinhos” estabelecidos, no desenvolvimento da aula.

Nenhuma das três professoras manifestou-se demonstrando pontos negativos em relação à aplicação do método. Todas se mostraram totalmente favoráveis ao mesmo.

Esta categoria ressaltou a notória satisfação por parte das professoras em relação à utilização do Método Natural de alfabetização. Este fato leva à reflexão a respeito do pensamento defendido por Rizzo (2002, p. 12), quando este afirma que “no mundo moderno, não há mais lugar, nem justificativa, para o exercício da prepotência autoritária na determinação das palavras da cartilha”. As três professoras citaram pontos diferentes, entretanto, o posicionamento das três foi unânime em defender a aplicação de atividades diferenciadas que proporcionem o desenvolvimento integral do educando.

Esta categoria evidenciou novamente a preferência dos sujeitos da pesquisa em questão, pois as três afirmaram não se interessar por outro método de alfabetização a não ser o Método Natural.

- Dificuldades encontradas

Professora 1: “O professor tem que se identificar com a proposta, ou seja, seguir o método. A escola exige muito do professor. Tendo o profissional que buscar ser dinâmico, criativo e bastante flexível”.

Professora 2: “Para aplicar esse método o professor deve realmente ser um profundo conhecedor de suas teorias, senão fica artificial e não como deve ser: significativo”.

Professora 3: “A falta de profissionais capacitados e que gostem de trabalhar com esse método”.

Em relação às dificuldades apresentadas, as professoras 1 e 3 apresentam opiniões semelhantes, considerando o fato de que as duas apontaram a necessidade de dedicação do professor frente às exigências do método, buscando-se sempre serem boas profissionais.

Em contrapartida, a professora número dois enfatizou a escassez de profissionais qualificados para trabalharem com o Método de Alfabetização Natural. Também salientou a necessidade de, além da capacitação, o profissional tem que ter uma identificação e satisfação em relação à proposta do método.

Pode-se notar que as dificuldades relacionadas pelos sujeitos estão diretamente relacionadas às dificuldades já citadas anteriormente por Rizzo (2002). A escassez de profissionais capacitados e que acreditam em uma alfabetização desenraizada das cartilhas, para esta autora, é eminente. A mudança de paradigmas requer bastante estudo e dedicação por parte dos educadores, que necessitam esforçar-se para visualizar uma maneira diferenciada de alfabetizar, em relação àquela em que foram alfabetizados.

- Formação continuada

Professora 1: “Primeiramente passamos por um treinamento, ou seja, temos encontros psicopedagógicos semestralmente, sobre a proposta filosófica da Pedagogia da interação expressiva, cursos, estudos de casos ou síndromes oficinas, seminários, congressos e semanalmente recebemos orientações com a psicóloga coordenadora e direção da escola para que possamos desenvolver um trabalho abrangente e rico”; “Não, já estudei bastante sobre o método”.

Professora 2: “Eu aprendi de várias maneiras: como estagiária da UNB (estudante) e trabalhando na melhor escola de Método Natural de Brasília (INDI)”; “Já estudei muito sobre esse método. Inclusive já ofereci um curso para professores sobre o Método Natural. Devemos sempre estar aprendendo!”

Professora 3: “A escola estimula muito seus profissionais e é feita uma avaliação antes de ser contratada, depois vem o dia-a-dia”; “Não, pois tudo de novo a escola traz e passa para os professores”.

As professoras foram unânimes, em seus depoimentos, com relação à necessária capacitação à aplicação do método, As escolas em que atuam investem em seus profissionais a fim de que se tornem capacitados à aplicação do mesmo. O investimento em favor da aprendizagem é necessário para a aprendizagem quanto ao método e as professores, inclusive, reforçaram tal aspecto, ao enfatizarem sobre a inexistência de dúvidas, uma vez que receberam formação continuada quanto ao método.

A professora de número 1 especificou, ainda, que essa capacitação é realizada por meio de encontros psicopedagógicos semestrais, sobre a proposta filosófica da pedagogia de interação expressiva, cursos, estudos de casos ou síndromes, oficinas, seminários, congressos e orientações semanais com psicóloga, coordenadoras e direção.

Rizzo (2002) considera a formação no que se refere ao método fundamental ao educador, frisando inclusive que:

É de extrema importância que o professor concentre seus esforços nas finalidades maiores da alfabetização natural, que não deve ser o de levar o aluno, tão somente, a ler e escrever palavras, mas, também, orientá-lo num sentido mais amplo, que tenha na construção social e moral do homem a sua finalidade maior.

- Média de alunos existentes nas turmas

Professora 1: “De vinte a vinte e quatro alunos. Depende da escola, pois cada uma determina o número de alunos em sala”.

Professora 2: “Em média são quinze alunos por turma”.

Professora 3: “Vinte a vinte e cinco alunos. Acredito que não, pois quem resolve isso é a direção da escola”.

Em relação ao número de alunos integrantes de uma turma de alfabetização natural, as professoras de números um e dois afirmaram haver, em média, vinte a vinte e cinco alunos por sala. Entretanto, a professora número 3 alegou haver cerca de apenas quinze alunos por turma, em sua escola.

Viabilizando um esclarecimento referente ao impasse apresentado, recorreram-se autores renomados sobre o assunto. Infelizmente não foram encontradas citações a respeito. Diante dos fatos apresentados, conclui-se que o número de participantes da classe de alfabetização, depende de cada colégio e sua correspondente direção.

#### 6.5.2.2 Observação

- Desenvolvimento do Método Natural

Durante a observação, percebeu-se que o método enfatiza bastante o trabalho fonético. As crianças trabalham sempre em grupos, onde cada um escolhe um tema diferente no rol oferecido pela professora. Entretanto, a professora procura dar a atenção a todos os alunos individualmente, bem como a todos os grupos.

As principais atividades realizadas nesse período são a “preguicinha”, onde a figura é destacada e a professora mostra uma sílaba de cada vez, dando ênfase no som produzido por cada sílaba; e a “caçada” onde eles realizam o trabalho inverso, procurando a palavra ou a sílaba, em um texto completo.

- Diferenciações e vantagens em relação a outros métodos

Uma notória vantagem do Método Natural em relação aos outros métodos relaciona-se ao fato de que a aprendizagem no mesmo não é imposta, e sim estimulada pelo professor, mas construída pelo próprio aluno. Como o método utiliza-se do trabalho em grupo, também é favorável à construção de conhecimentos por parte do aluno, pois, por meio dele, é oportunizada uma troca de conhecimentos entre as crianças, que aprendem, não somente o conteúdo, mas regras fundamentais de convivência.

- Dificuldades encontradas durante a aplicação do método

Apesar do trabalho em grupo ser favorável à construção do conhecimento pelo aluno, constitui-se em um trabalho difícil para a educadora, que deve atender aos grupos e a cada aluno simultaneamente. Como o método respeita os interesses próprios dos alunos, a educadora também deve estar sempre viabilizando meios que despertem o interesse e a curiosidade dos alunos. Portanto, a pesquisa e a inovação tornam-se constantes no dia-a-dia dessa educadora.

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da pesquisa proposta na presente monografia, esta aluna pesquisadora pode aprofundar seus conhecimentos a respeito do Método Natural de Alfabetização explorando as possíveis maneiras de trabalhá-lo em sala de aula, considerando que é necessário ter capacitação para tal.

O trabalho evidenciou a importância do desprendimento quanto aos métodos tradicionais de alfabetização e a dificuldade e conflito enfrentados pelos atuais professores em aceitarem este método uma vez que foram alfabetizados em um outro método.

Considerando que a alfabetização natural respeita a individualidade e o tempo necessário de aprendizado de cada um, os professores deveriam entendê-lo como um método favorável a um aprendizado construtivista e significativo ao aluno não o rejeitando, como tem acontecido.

Entre as possíveis causas da não utilização deste método, encontram-se os fatores relacionados à necessária especialização específica para sua utilização e dedicação constante de seus respectivos educadores, já que requer e exige do profissional dinamismo, criatividade e principalmente flexibilidade frente às situações vivenciadas no cotidiano escolar.

Entretanto, considerando a valorização atribuída ao educando e a maneira lúdica em que seu aprendizado desenvolve, os resultados demonstram satisfação e extrema fidelidade dos educadores frente ao Método Natural de Alfabetização apresentado.

A pesquisa realizada evidenciou a importância da conquista de um método em que as opiniões, desenvolvimento e particularidades dos alunos são de fato consideradas e valorizadas, tendo como consequência um aprendizado significativo e sólido, disposto a modificar o atual quadro da educação brasileira.

## REFERÊNCIAS

BARROS, Aidil; LEHFELD, Neide. **Projeto de pesquisa: Propostas metodológicas**. Rio de Janeiro: Vozes, 1998.

BRADLEY, disponível em: [http://www.paulus.com.br/imprensa/detalha\\_materias.php?id=1269](http://www.paulus.com.br/imprensa/detalha_materias.php?id=1269). Acesso em: 26 de outubro de 2006.

CARDOSO, Beatriz & TEBEROSKY, Ana. **Reflexões sobre o ensino da língua escrita**. São Paulo: Vozes, 1993.

FERREIRO, Emília, **Alfabetização em Processo**. Trad. de Maria A. C. C. Magalhães, Marisa do Nascimento Paro, Sara C. Lima. São Paulo: Cortez, Autores Associados, 1989.

TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da Língua Escrita**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

FLÁVIA, Adriana; LIMA, Santos de Oliveira. **Pré-escola e Alfabetização**. Petrópolis: Vozes, 1986.

GODOY, Arilda S., Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. In: **Revista de Administração de Empresas**, v. 35, n.2, Mar/Abr. 1995, p.57.

MAZZOTTI, Alda; GEWANDSZNAJDER, Fernando. **O método nas ciências naturais e sociais**.

RIZZO, Gilda, **Alfabetização Natural**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

SALVIANO, Ana Regina Melo. **Aprendendo a Aprender**. Guia de formação para professores das séries iniciais. Brasília: UniCEUB, 2004. Volume 6.

SEBER, Maria da Glória. **A Escrita Infantil o caminho da construção**. São Paulo: Scipione, 1997.

## **APÊNDICES**



## APÊNDICE A

CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA – UniCEUB  
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO – FACE  
CURSO DE PEDAGOGIA – FORMAÇÃO DE PROFESSORES PARA AS SÉRIES INICIAIS  
DO ENSINO FUNDAMENTAL  
LUÍZA DE FÁTIMA DOS SANTOS NUCCI  
DATA: \_\_\_\_/\_\_\_\_/2007

Prezado professor,

Realizo este questionário, com o objetivo de uma maior compreensão sobre o Método Natural de Alfabetização. Sua contribuição é de extrema importância, visto que de acordo com sua experiência profissional, poderá descrever e opinar sobre a aplicação do método. O presente questionário possui um caráter sigiloso quanto a sua identidade. Desde já agradeço sua contribuição e participação.

Luíza Nucci

### QUESTIONÁRIO SOBRE O TEMA: MÉTODO DE ALFABETIZAÇÃO NATURAL

#### DADOS DE IDENTIFICAÇÃO:

Sexo:

Faixa etária: 20–30 ☐

31–40 ☐

41–50 ☐

51–diante ☐

Formação:

Tempo de magistério:

Série em que atua:

## QUESTÕES

1) Você escolheu esse método de aprendizagem por vontade própria ou por imposição da escola?

---

---

2) Você concorda com todas as propostas do Método Natural de Alfabetização? Por quê?

---

---

---

3) Quais as principais vantagens na aplicação desse método?

---

---

---

4) O que você mais gosta no Método Natural?

---

---

---

5) Existe alguma coisa que você não goste? O quê?

---

---

---

6) Qual a principal dificuldade encontrada na aplicação do método? Por que razão?

---

---

---

7) Como você aprendeu a trabalhar com o Método Natural?

---

---

---

8) Existem mais aspectos desse método que você gostaria de aprender? Quais?

---

---

---

9) Você preferia utilizar-se de outro método? Qual?

---

---

---

10) Em média, quantos alunos ocupam uma sala de alfabetização adepta do Método Natural de Alfabetização? Há uma diferenciação em relação aos outros métodos?

---

---

---

## APÊNDICE B

CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA – UniCEUB  
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO – FACE  
CURSO DE PEDAGOGIA – FORMAÇÃO DE PROFESSORES PARA AS SÉRIES INICIAIS  
DO ENSINO FUNDAMENTAL  
LUÍZA DE FÁTIMA DOS SANTOS NUCCI  
DATA: \_\_\_\_/\_\_\_\_/2007

### ROTEIRO DE OBSERVAÇÃO SOBRE O TEMA “ALFABETIZAÇÃO NATURAL”

- Formas como as aulas são ministradas;
- Maneira como o método é aplicado;
- Possíveis diferenciações com outros métodos;
- Possíveis dificuldades encontradas durante a aplicação do método;
- Possíveis vantagens em relação aos demais métodos;